

NA CORDA BAMBA. Mesmo correndo o risco de perder o semestre letivo, estudantes apoiam a greve da Ufal, que já dura dois meses e meio

“Nós sentimos na pele o caos da universidade”

Assim como professores e técnicos administrativos, os universitários também têm uma pauta de reivindicações – que inclui restaurante e transporte, além da conclusão de várias obras inacabadas

FELIPE FARIAS
REPORTER

O calendário acadêmico da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) está suspenso por causa da greve, que há cerca de dois meses e meio parou professores e técnicos administrativos. Quando a paralisação se encerrar, o Conselho Universitário (Consun), colegiado mais abrangente da instituição, deve se reunir para decidir se o primeiro semestre de 2012 será anulado, voltando-se para o início do ano letivo, ou se terá continuidade, recomendo de onde foi parado. De uma forma ou de outra, haverá prejuízos, mas a classe estudantil apoia o movimento – garante a representante do segmento de um dos três componentes da comunidade acadêmica. A coordenadora do Diretório Central dos Estudantes (DCE), Mona Spinassé, 21 anos, estudante de Pedagogia, diz que a adesão é bem maior que em mobilizações anteriores e que eles participam de todas as etapas, do planejamento das atividades às negociações. À frente da entidade há dois anos, ela explica que o principal motivo do engajamento, além do apoio ao movimento, é obter ganhos em alguns dos 50 itens de uma pauta de reivindicações própria dos estudantes.

Alguns deles, além de outros temas, ela detalha na entrevista a seguir.

Gazeta. Qual a posição dos estudantes em relação à greve?

Mona Spinassé. É uma posição de total apoio, porque a gente percebe o grande sucateamento da universidade. E nós, estudantes, somos os mais prejudicados, porque a gente percebe, no dia a dia, o quanto faltam salas de aula, o quanto faltam professores, a estrutura de laboratórios para os cursos que dependem disso. Pela falta de professores, temos as turmas muito cheias. E a gente sente isso no dia a dia, sente na pele o quanto a universidade está caótica. Isso é resultado do Reuni, aprovado em 2007 [uma reforma universitária proposta pelo Ministério da Educação, cuja discussão despertou polêmica], que ocasionou essa expansão de uma forma não estruturada. Era para fazer entrar mais gente na universidade, mas não se deu a estrutura necessária para comportar a quantidade maior. E é por isso que nós, estudantes, estamos dando total apoio à greve, tanto dos professores quanto dos técnicos,

incluindo nossas pautas também. E incluindo nas pautas locais, tanto dos professores quanto dos técnicos, que elaboraram um dossiê, do qual nós participamos de forma bem atuante.

Quais são essas pautas?

Ao todo, são 50 pontos que a gente levantou, mas alguns dos mais importantes são as questões mais básicas. O RU [Restaurante Universitário] para todos, porque atualmente a gente só tem um RU com capacidade para apenas mil estudantes. Outro ponto importante refere-se à questão do transporte, porque, atualmente, ele só circula pelo campus até dez da noite. E isso faz com que seja preciso reduzir o tempo de aula para que os estudantes possam pegar o transporte. Existem, ainda, várias obras inacabadas na Ufal, vários cursos em bloco. Então, pedimos que a Ufal conclua essas obras. Outra questão é interiorização. Há muitas dificuldades que alguns polos enfrentam. Há polos no interior sem RU, polos que não têm a ProEst [Pró-Reitoria Estudantil], que não têm aquele suporte para o estudante. Transporte é outra questão muito complicada no interior, porque geralmente o polo é um pouco distante da cidade e o traslado é deficiente.

Mas não existe unanimidade na comunidade estudantil, não é? Há sempre a questão dos alunos que estão no último ano e se dizem prejudicados, porque a greve pode atrasar sua conclusão de curso.

No ano passado, na greve, a gente fez uma assembleia com mais ou menos 500 estudantes. A gente não conseguiu tirar uma posição aprovando a paralisação, mas tiramos uma de total apoio aos professores. Este ano, a adesão é muito maior. É claro que sempre tem aquela situação em que os estudantes que sustentam aquela posição de “ah, tem que acabar, porque já tem um trabalho em vista; tem que terminar o curso”. Mas estamos com este trabalho de conscientização sobre a importância desse movimento e acho que a maioria é, sim, a favor da greve. Tanto que os bolsistas, que são estudantes que ganham uma bolsa para trabalhar, também estão dando apoio, porque eles acabam trabalhando durante a greve, porque os técnicos estão paralisados.

E esses são, em tese, aqueles que teriam menos interesse na paralisação decor-

rente da greve, porque a bolsa depende da produção deles?

Isso mesmo. Mas, como os técnicos estão de greve, eles acabam trabalhando por eles e pelos técnicos, porque a universidade acaba pressionando para isso. E tem a dificuldade também para receber, porque os técnicos estão em greve. Eles passaram quase um mês sem receber. E eles não aceitaram essa situação, porque acabam trabalhando mais, ficando sem receber e não têm condições de ir para a universidade. E nossa luta em relação a eles é para que essa bolsa-permanência, como é chamada, deva ser para que o estudante permaneça na universidade, para aquele estudante que não tem condições de ficar pagando transporte, de ficar se alimentando. Então, ele recebe esta bolsa. Mas o que é que acontece? A universidade paga essa bolsa para o estudante trabalhar, em vez de ser só para o estudante permanecer na universidade. E um dos pontos que nós incluímos na nossa pauta é para que a bolsa seja paga para o estudante permanecer no campus e a universidade faça concurso para técnicos para que eles passem a assumir esse trabalho, em vez de se usar a mão de obra barata dos bolsistas.

Como está o calendário acadêmico com a greve?

Toda greve vai para o Consun [Conselho Universitário], que aprovou a paralisação do calendário acadêmico. Então, todas as atividades que estão relacionadas a ensino, pesquisa e extensão estão paralisadas. Houve a discussão sobre as essencialidades: o que deve continuar funcionando. Todas as greves têm que respeitar o mínimo de atividades funcionando, porque, realmente não tem como parar. Tem as questões relacionadas à vida e à saúde. Então, nós temos vários setores do HU que estão funcionando. E, assim que terminar a greve – se o governo quiser negociar –, essa discussão volta para o Consun, para que se decida se vai continuar com o primeiro semestre ou se ele será cancelado para ser reiniciado.

De que forma os estudantes, por meio do DCE, estão participando da greve?

No início, a gente realizou uma assembleia em que foi aprovada a criação de um comando de mobilização estudantil. Toda semana, a gente realiza reuniões para definir a mobilização dos estudantes. Foi



RICARDO LEDO

MONA SPINASSÉ
COORDENADORA DO
DCE-UFAL

“Este ano, a adesão é muito maior. É claro que sempre tem aquela situação em que os estudantes sustentam aquela posição de “ah, tem que acabar, porque já tem um trabalho em vista; tem que terminar o curso”

“Assim que terminar a greve – se o governo quiser negociar –, essa discussão volta para o Consun, para que se decida se vai continuar com o primeiro semestre ou se ele será cancelado para ser reiniciado”

“Desde 2007, quando se discutiu o Reuni, que foi uma discussão do Brasil inteiro, as greves estudantis sempre trouxeram algum retorno, apesar de não ser o retorno que a gente esperava”

“Só com alguma pressão mesmo, com a politização, é que a gente atinge alguns avanços, como os poucos que tivemos, mas todos significativos”

criado um comando unificado, com professores, técnicos e estudantes, tanto da Ufal quanto do Ifal, porque a greve está ganhando uma dimensão que nunca teve nesses anos recentes. Está ganhando adesão e nós estamos participando. Participamos do planejamento das atividades, das assembleias, das discussões, tanto dos professores quanto dos técnicos. A gente está participando de todos os espaços que estão sendo abertos, porque a gente precisa incluir os nossos pontos de reivindicação. A gente está mobilizando os estudantes, participando de todos os atos de rua, das reuniões de planejamento e das negociações.

Dá para fazer um balanço do que as greves recentes trouxeram de ganhos para os estudantes?

Desde 2007, quando se discutiu o Reuni, que foi uma discussão do Brasil inteiro, as greves estudantis sempre trouxeram algum retorno, apesar de não ser o retorno que a gente esperava. Naquele ano, a gente não conseguiu, por exemplo, que se rejeitasse o Reuni, que acabou sendo aprovado. Mas a gente pode citar a Creche Universitária, que foi aprovada para ser gratuita; o Restaurante Universitário, que teve o número de vagas ampliado. E, mais recentemente, na greve do ano passado, apesar de ter sido uma paralisação de apenas uma semana – uma greve que não vingou –, as conquistas foram mais para o interior. Tivemos o Restaurante Universitário, o hospital do curso de Medicina Veterinária, em Viçosa. O presídio em Arapiraca [que fica ao lado do campus da Ufal], que nós pressionamos para que fosse desativado. Deram um prazo de 90 dias. Até agora não foi cumprido, mas

está em discussão para ser desativado realmente. Eu acho que a principal coisa é a pressão para fazer com que a Universidade cumpra essas questões. É claro que a gente sabe que não são coisas que saem de uma hora para outra. Uma coisa negativa que teve, que demonstra um pouco da posição da Reitoria, foi o processo contra os sete estudantes pela ocupação [da Reitoria]. Em pleno século 21, numa democracia, estudantes estarem sendo processados por reivindicar. A gente sabe que isso é uma coisa de repressão mesmo, como a gente ouviu falar da procuradora da universidade. Mas só com alguma pressão mesmo, com a politização, é que a gente atinge alguns avanços, como os poucos que tivemos, mas todos significativos. A ideia é que a gente continue essa pressão mesmo, porque são pautas que levam certo tempo. O RU, por exemplo, a ProEst anunciou que, agora, no segundo semestre, vai estar abrindo. Será um RU para três mil pessoas. Vão abrir, vão cobrar uma taxa. Então, são coisas que a gente tem que estar sempre acompanhando com a gestão, para que sejam efetivadas nossas pautas de reivindicação, que foram fruto das várias manifestações realizadas pelos estudantes.

Qual a avaliação da atual gestão do DCE?

A atual gestão está há dois anos. E acho que o balanço é muito positivo. Desde a reorganização da sede, no Espaço Cultural, a gente encontrou em estado caótico até a ampliação do movimento estudantil no interior do Estado. O balanço é muito de começar a mexer com o movimento estudantil na universidade, que estava paralisado, por causa das antigas gestões. ☐